

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

Janaina Macke

jmacke@terra.com.br

Universidade de Caxias do Sul – RS / Brasil

João Alberto Rubim Sarate

jsarate@terra.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS / Brasil

Cláudio Damacena

damacena@unisinis.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS / Brasil

Recebido em 13/08/2008

Aprovado em 20/01/2010

Disponibilizado em 20/12/2010

Avaliado pelo sistema *double blind review*

Revista Eletrônica de Administração

Editor: Luís Felipe Nascimento

ISSN 1413-2311 (versão on-line)

Editada pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Periodicidade: Quadrimestral

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de capital social, ao medir o potencial de produção de riqueza que flui das diversas formas de associação coletiva, permite explorar os impactos da sociedade civil no desempenho econômico.

A importância do tema deve-se principalmente, ao fato do capital social ser uma das dimensões necessárias para o desenvolvimento local sustentável (VALLEJOS et.al. 2008). Vinculado aos conceitos de capital social e de desenvolvimento local, surge o conceito de comunidade cívica (PUTNAM, 2002). Dessa forma, a avaliação do grau de civismo de uma comunidade pode revelar fatores importantes para o planejamento e implementação de ações no campo da gestão social, seja no caso de políticas públicas ou de programas privados voltados ao desenvolvimento das localidades. Por esta razão, é relevante avaliar o nível de capital social de uma comunidade como forma de identificar pontos de alavancagem para as

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

ações sociais promovidas pelo poder público, por empresas privadas ou por entidades do terceiro setor.

Isso posto, o presente estudo propõe-se a fazer um exame do nível de capital social e dos fatores explicativos deste, presentes em uma determinada comunidade, mais especificamente da cidade de Farroupilha (RS). Como propósito futuro espera-se levantar *insights* para a construção de ações sociais - promovidas por empresas privadas, governo ou sociedade civil -, as quais respondam aos desafios de geração de capital social e de desenvolvimento local.

2 CAPITAL SOCIAL: CONCEITOS E DIMENSÕES

As comunidades que possuem alto nível de capital social são chamadas de comunidades cívicas. Numa comunidade cívica os cidadãos buscam o interesse próprio corretamente entendido (TOCQUEVILLE, 2000), ou seja, um interesse definido a partir do contexto das necessidades públicas, um interesse próprio que é esclarecido e sensível aos interesses dos outros. As principais características da comunidade cívica são: (i) a cidadania implica direitos e deveres iguais para todos; (ii) a comunidade é unida, em grande parte, por relações horizontais de reciprocidade e cooperação, enquanto relações verticais de autoridade e dependência são pouco presentes; (iii) seus líderes consideram-se responsáveis por seus concidadãos; (iv) há uma ampla participação dos cidadãos no governo; (v) prevalece o espírito público entre os cidadãos e (vi) predominam as relações de confiança entre os membros (PUTNAM, 2002).

As normas de reciprocidade e os sistemas de participação cívica são a chave da prosperidade de uma comunidade cívica, gerando círculos virtuosos de estímulo ao civismo. Estes círculos virtuosos a que Putnam (2002) se refere são caracterizados pela produção de capital social. O autor utiliza a definição de capital social, segundo Coleman (1990):

Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse (...). por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança (COLEMAN, 1990, p. 302; 304).

O capital social pode aparecer sob muitas formas – confiança, normas e cadeias de relações sociais – e todas estas formas são recursos cuja oferta aumenta com o uso (HIRSCHMAN, 1984). A confiança – considerada por muitos autores o principal elemento do capital social - é um fator de importância fundamental na profundidade das relações entre diferentes atores (SMITH, CARROLL, ASHFORD, 1995) e como um fator determinante nas

REAd – Edição 67, Vol. 16, Nº 3 - setembro/dezembro 2010

trocas eficientes de conhecimentos (DIRKS e FERRIN, 2001; NAHAPIET e GHOSHAL, 1998; TSAI e GHOSHAL, 1998; LI, BARNER-RASMUSSEN e BJÖRKMAN, 2007; MACKE, VALLEJOS e SARATE, 2009).

Além disso, o capital social está vinculado à relevância dos relacionamentos como recurso para a ação social, aspecto com o qual muitos autores concordam, como Bourdieu (2003a; 2003b), Coleman (1988) e Putnam (2002). Contudo, o capital social não é um conceito unidimensional, o que faz com que diferentes autores estabeleçam o foco da discussão nas diferentes faces do capital social (SABATINI, 2008).

Desde o surgimento do conceito, ele vem sendo utilizado para explicar uma série de fenômenos sociais. Grande parte das pesquisas tem focado o papel do capital social no desenvolvimento do capital humano (COLEMAN, 1988; NAHAPIET e GHOSHAL, 1998), no desempenho econômico (SABATINI, 2008; SCHULLER, 2007), no conhecimento gerado nas redes (WEBB, 2008; YUAN, GAY e HEMBROOKE, 2006; MACKE, SARATE e VALLEJOS, 2009), no empreendedorismo (SIQUEIRA, 2007; STAM e ELFRING, 2008), nos aspectos culturais (SWINNEY, 2008; TAKHAR, 2006; XIAO e TSUI, 2007) no desenvolvimento de regiões (PUTNAM, 2002) e de países (FUKUYAMA, 1996).

A maioria dos estudos sobre capital social relaciona o mesmo às redes de conhecimento e reconhecimento mútuo, as quais envolvem sentimentos de gratidão, respeito e amizade. Contudo, também é possível encontrar capital social sob a forma de *status* e reputação social (BOURDIEU, 2003a; 2003b), usualmente, quando o pertencimento à determinada rede for algo restrito. Dessa forma, o capital social passa a contemplar os recursos reais e potenciais que podem ser acessados através destas redes (BOURDIEU, 2003a; 2003b; PUTNAM, 2002).

No estudo sobre o capital social e sua importância na criação de capital intelectual, Nahapiet e Ghoshal (1998) propõem três dimensões de capital social: a estrutural, a relacional e a cognitiva. Embora, os autores tenham analiticamente compreendido o capital social em dimensões, eles apontam que grande parte das características estudadas é altamente relacionada, o que não invalida a classificação, pois facilita a compreensão do construto. As dimensões do capital social e seus respectivos elementos são apresentados na figura 1.

**AValiação DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO**

<u>Dimensão Estrutural</u>	<u>Dimensão Cognitiva</u>	<u>Dimensão Relacional</u>
Conexões da rede Configuração da rede Adequação da organização	Códigos e linguagem compartilhados Narrativas compartilhadas	Confiança Normas Obrigações e expectativas Identificação social

Figura 1 – Dimensões do capital social. Fonte: Adaptado de Nahapiet e Ghoshal (1998).

Na face estrutural do capital social são analisados: a presença ou não de laços entre os atores, a configuração ou morfologia da rede - descrevendo os padrões de ligações, através de variáveis como densidade, conectividade e hierarquia – e a intencionalidade da rede – ou seja, se a mesma foi criada para um objetivo e está sendo usada para outro (COLEMAN, 1990).

O ponto de vista relacional descreve o tipo de relacionamento pessoal, desenvolvido através de uma história de interações (GRANOVETTER, 1992). Este conceito foca aspectos que influenciam os comportamentos, como respeito e amizade, os quais irão determinar a sociabilidade, aceitação e prestígio. Dois atores podem ocupar posições semelhantes em uma rede, porém se suas atitudes pessoais e emocionais diferirem, também suas ações serão diferentes em muitos aspectos – trata-se, portanto, de um componente comportamental, o qual se revela através de facetas como confiança e desconfiança (FUKUYAMA, 1996; PUTNAM, 2002), normas e sanções (COLEMAN, 1990; PUTNAM, 2002), obrigações e expectativas (COLEMAN, 1990; GRANOVETTER, 1992) e identidade e identificação (MERTON, 1968 apud NAHAPIET e GHOSHAL, 1998).

A terceira dimensão do capital social, a qual Nahapiet e Ghoshal (1998) chamaram de cognitiva, refere os recursos que emanam visões compartilhadas, interpretações e sistemas de significado, principalmente códigos e narrativas compartilhadas. Segundo os autores, esta dimensão vem sendo pouco explorada na literatura. Dentre estes elementos alguns apresentaram alta correlação: (i) Conexões da Rede, quando simétricas (dimensão estrutural) e Confiança (dimensão relacional); e (ii) Identificação Social (dimensão relacional) e Códigos e Linguagem Compartilhados (dimensão cognitiva) (NAHAPIET e GHOSHAL, 1998).

Ainda segundo Nahapiet e Ghoshal (1998), a dimensão estrutural do capital social influencia o desenvolvimento das outras dimensões – a relacional e a cognitiva. Outro aspecto a ser destacado é que nem todas as dimensões do capital social são reforçadas mutuamente; por exemplo, uma rede eficiente em termos estruturais pode não ser a melhor maneira de desenvolver um forte capital relacional ou cognitivo.

3 UMA ALTERNATIVA PARA MEDIR CAPITAL SOCIAL NAS COMUNIDADES

A partir do referencial sobre capital social, especialmente de Coleman (1990) e Putnam (2002), Onyx e Bullen (2000) avaliaram cinco comunidades da Austrália (duas rurais, duas fora da área metropolitana e uma área metropolitana próxima a Sidney), contemplando elementos como participação em redes, reciprocidade, confiança, normas sociais, bens públicos e proatividade. Os autores construíram um questionário contendo 68 itens potencialmente relevantes na avaliação do capital social das comunidades. Este instrumento foi aplicado para 1.211 moradores nas cinco comunidades. Os resultados foram submetidos a análises estatísticas, como análise fatorial e equações estruturais.

O estudo de Onyx e Bullen (2000) representa uma alternativa de resposta à necessidade de explorar as dimensões do capital social apontada por Putnam (2002). É preciso lembrar do estudo de Nahapiet e Ghoshal (1998) que, da mesma forma, a partir da observação de Putnam (2002) propuseram um modelo bastante completo - ao menos do ponto de vista teórico - para medir capital social. Contudo, o fato deste modelo não ter sido testado empiricamente, trás implicações metodológicas. Assim, neste estudo, optou-se por utilizar o instrumento construído por Onyx e Bullen (2000).

O estudo de Onyx e Bullen (2000) teve os seguintes objetivos: (i) identificar quais elementos encontrados na literatura estão empiricamente relacionados ao capital social; (ii) identificar as dimensões (fatores) do capital social e propor que este conjunto de fatores seja testado em outras comunidades; (iii) verificar se o capital social está correlacionado a variáveis como gênero e variáveis demográficas; e (iv) descrever as cinco comunidades estudadas em função da distribuição de capital social.

Após realizar o piloto do instrumento, o questionário contemplou novos elementos, além daqueles encontrados na literatura, totalizando 68 itens. A análise inicial dos dados apontou um modelo com 34 itens. Os critérios adotados contemplaram a revisão teórica (os fatores deveriam ter significado teórico) e as questões metodológicas (os fatores deveriam ser estáveis no caso de subamostras e deveriam possuir *eigenvalues* maiores que um; todos os elementos deveriam ter correlação com o escore total; os fatores juntos deveriam explicar boa parte da variância) (ONYX e BULLEN, 2000).

A análise estatística produziu oito fatores, os quais juntos explicam 49,3% da variância total, o que para um estudo exploratório pode ser considerado satisfatório. São eles (ONYX e BULLEN, 2000, p.29):

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

- a) **Participação na Comunidade Local** – refere-se à participação em estruturas formais e possui um forte senso comum (Ex.: “Você é membro ativo de uma organização local ou clube?”);
- b) **Proatividade no Contexto Social** (Agência Social) – refere-se a um senso de eficácia pessoal e coletiva ou à proatividade pessoal (Ex.: “Se você precisa de uma informação para tomar uma decisão importante, você sabe onde encontrar esta informação?”);
- c) **Sentimentos de Confiança e Segurança** – (Ex.: “Você concorda que a maioria das pessoas é confiável?”);
- d) **Vínculos de vizinhança** – diz respeito às relações informais no contexto local (Ex.: “Você visitou um vizinho na semana passada?”);
- e) **Vínculos de Família e Amizade** – (Ex.: “Na última semana, quantos telefonemas você fez aos amigos?”);
- f) **Tolerância à Diversidade** – (Ex.: “Você acha que o multiculturalismo deixa a vida melhor na sua comunidade?”);
- g) **Valor da Vida** – (Ex.: “Você se sente valorizado pela sociedade?”);
- h) **Vínculos com o Trabalho** – só pode ser respondido por quem tem trabalho remunerado (Ex.: “Você se sente parte de uma equipe de trabalho?”).

Os três primeiros fatores – A, B e C - foram os mais fortes (“Participação na Comunidade Local”, “Proatividade no Contexto Social” e “Sentimentos de Confiança e Segurança”) explicando 30% da variância, o que significa que para o modelo construído, estes três fatores são responsáveis por quase um terço do nível de capital social das comunidades estudadas.

Foram encontrados três fatores que dizem respeito a vínculos e participação em diferentes contextos, com os vizinhos (fator D), com família e amigos (fator E) e no local de trabalho (fator H); e estes três fatores são diferentes do fator A (Participação), o que mostra que as pessoas possuem vínculos sociais em uma variedade de contextos e não necessariamente na vizinhança, família/amigos ou no trabalho, ou seja, diferentes pessoas estão conectadas de diferentes formas (ver tabela 1).

Tabela 1 - Elementos Constituintes dos Fatores de Capital Social.

Fator	Elementos do fator	Correlação
Participação na Comunidade Local	Ajudar grupos locais como voluntário	0,76
	Fazer parte de um comitê de gestão local	0,72
	Fazer parte de um projeto na comunidade	0,72
	Ajudar a organizar um serviço local	0,64
	Mobilizar a comunidade numa situação de emergência	0,56
	Ser membro ativo de uma organização local	0,68
	Atuar em eventos comunitários	0,65
Proatividade no Contexto Social	Ter iniciativa no ambiente de trabalho	0,47
	Ajudar espontaneamente os colegas de trabalho	0,31
	Sentir liberdade para discordar	0,59
	Buscar resolver impasses	0,61
	Ter acesso a informação para tomar decisões importantes	0,62
	Sair da comunidade local para visitar a família	0,59
	Recolher lixo deixado por outras pessoas	0,58
Sentimentos de Confiança e Segurança	Sentir-se seguro na rua à noite	0,72
	Localidade tem fama de ser um lugar seguro	0,70
	Deixar que estranhos entrem em sua casa numa emergência	0,62
	Acreditar que a maioria das pessoas é confiável	0,63
	Sentir que a comunidade é sua casa	0,64
Vínculos de Vizinhança	Visitar os vizinhos	0,75
	Ajudar um vizinho doente	0,68
	Pedir a um vizinho que cuide de seus filhos	0,68
	Ao sair de casa, aproveitar para visitar vizinhos e amigos	0,62
	Ser ajudado pelos vizinhos	0,45
Vínculos de Família e Amizade	Sair para almoçar/jantar com outras pessoas fora da família	0,79
	Telefonar aos amigos	0,71
	Conversar com muitas pessoas	0,62
Tolerância à Diversidade	Acreditar que o multiculturalismo é saudável	0,89
	Apreciar diferentes estilos de vida	0,83
Valor da Vida	Sentir-se valorizado pela sociedade	0,81
	Sentir-se satisfeito com a vida	0,82
Vínculos com o Trabalho	Sentir-se parte de uma equipe de trabalho	0,78
	Considerar colegas de trabalho também como amigos	0,78
	Sentir-se parte da comunidade do local onde trabalha	0,78

Fonte: Adaptado de Onyx e Bullen (2000, p. 40-41).

Através da adição dos escores encontrados para os oito fatores, Onyx e Bullen (2000) construíram um fator geral, o qual reflete o capital social em todas suas dimensões. Este fator – contempla os 34 itens acima – apresentou um alfa de Cronbach de 0,84, indicando que o conjunto de fatores mede com boa precisão o nível de capital social das comunidades.

Outro aspecto importante com relação aos fatores do capital social é a constatação por parte de Onyx e Bullen (2000) das relações – todas positivas - entre alguns fatores, principalmente: (i) o fator A (Participação na Comunidade Local) é fortemente relacionado

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

com os demais fatores exceto com o fator F (Tolerância à Diversidade); (ii) o fator D (Vínculos de Vizinhança) e o fator F (Tolerância à Diversidade) apresentaram uma correlação insignificante; e (iii) o fator B (Proatividade) e o fator C (Sentimentos de Confiança e Segurança) mostraram uma relação relativamente forte com todos os outros fatores (incluindo “Tolerância à Diversidade”).

O fato de existir baixa correlação entre os vínculos da comunidade e o grau de tolerância à diversidade merece especial atenção. De fato, uma comunidade verdadeiramente cívica necessita de ambos. Coleman (1990), Etzioni (1996) e Portes (1998) argumentam que é mais fácil encontrar bons níveis de capital social em comunidades mais fechadas, onde normas e sanções informais são bastante fortes. Isso poderia sugerir uma correlação negativa entre os fatores (vínculos da comunidade e o grau de tolerância à diversidade). Contudo, o estudo de Onyx e Bullen (2000) encontrou uma correlação pequena mas positiva, o que segundo Putnam é um resultado confortante, pois pode indicar que é possível elevar o nível tanto dos vínculos da comunidade, quanto do grau de tolerância à diversidade. Permanece em aberto a dúvida: “Pode uma comunidade rural que mostra baixo grau de tolerância a outras pessoas e estilos de vida, mas tem altos níveis de participação na comunidade ser considerada como tendo um bom estoque de capital social?” (ONYX e BULLEN, 2000, p.38). Esta questão leva à distinção entre capital social de conexão (*bonding social capital*) e capital social de ponte (*bridging social capital*).

O *bonding social capital* refere-se às relações mais próximas dos indivíduos. É caracterizado pelos laços fortes existentes entre os grupos de pessoas que partilham valores semelhantes, como por exemplo, nas relações entre familiares e amigos, pessoas mais próximas do círculo de convivência e que, por isso refletem semelhanças nos hábitos e comportamentos. Esse tipo de capital social pode, no entanto, restringir-se a um grupo limitado, não se expandindo para outros grupos que estejam fora do espaço local (WEBB, 2008; CAROLIS e SAPARITO, 2006).

Já *bridging social capital* representa a conexão existente entre os diferentes grupos, como, por exemplo, os amigos dos amigos e os “conhecidos”. O capital social do tipo *bridging* descreve os laços horizontais das pessoas com grupos de diferentes origens. Esse termo remete à capacidade dessas redes a criar “pontes” ligando grupos sociais que, de outra forma nunca teria entrado em contato (SABATINI, 2008). O capital social tem efeitos positivos sobre a difusão das informações e da confiança, promovendo assim as operações e a atividade econômica. O *bridging* do capital social refere-se a ligações entre os diferentes

grupos sociais, entre as gerações, e grupos culturais, étnicos e religiosos (CAROLIS e SAPARITO, 2006).

4 MÉTODO DE PESQUISA DO PRESENTE ESTUDO

Este estudo, de natureza descritiva, tem como objetivo avaliar o nível de capital social da cidade de Farroupilha (RS), cuja população é de 61.799 habitantes (IBGE, 2006). Além disso, tem o propósito de identificar os fatores relevantes na geração e desenvolvimento do capital social nesta comunidade, através da percepção dos estudantes de Administração de uma instituição de ensino superior local.

A instituição escolhida para o estudo foi o Centro de Ensino Superior Cenequista de Farroupilha, CESF, mantido pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, - uma Instituição de Ensino Superior Comunitária - que iniciou suas atividades acadêmicas em 1996, atendendo aos anseios da comunidade farroupilhense e da região em ter uma Instituição de Ensino Superior. O CESF tem aproximadamente 600 acadêmicos, distribuídos nos cursos de graduação em Administração de Empresas, Gestão em Sistemas de Informação, Bacharel em Turismo e Normal Superior e Pós-Graduação em nível de Especialização nas áreas da Gestão da Produção, e Marketing Estratégico, além dos cursos superiores de curta duração.

A amostra é não-probabilística e foi escolhida por conveniência, utilizando-se os alunos do curso de Administração. Dos 354 alunos matriculados no segundo semestre de 2006, foram entrevistados 210 alunos, sendo que destes obteve-se um total de 206 questionários válidos (58% das matrículas).

Após a pesquisa bibliográfica, fundamentada principalmente no estudo de Macke (2005), e com base no modelo aplicado por Onyx e Bullen (2000) na Austrália, foi construído o instrumento de coleta de dados da pesquisa, o qual consiste em um questionário que foi dividido em duas partes. A primeira é formada por um conjunto de questões de informações gerais sobre o respondente. A segunda parte contém as variáveis que permitem inferir sobre o capital social dos respondentes em relação aos grupos sociais dos quais fazem parte.

Inicialmente, este segundo bloco continha as mesmas 34 questões do estudo de Onyx e Bullen (2000). A partir da realização do pré-teste (realizado com 20 respondentes) foi acrescentada a variável “Você costuma trocar e-mails freqüentemente com seus amigos?”. Outras pequenas alterações de palavras (por sinônimos) facilitaram a compreensão das questões.

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

Dessa forma, a segunda parte ficou constituída de 35 itens e foi apresentada aos pesquisados em forma de perguntas, cabendo aos respondentes realizarem um julgamento quanto ao nível de discordância ou concordância em relação a cada questão. Utilizou-se uma escala *Likert* de quatro pontos para avaliar as relações do indivíduo em sua comunidade. O modelo teórico utilizado apresenta oito construtos explicativos para o nível de capital social de uma comunidade, quais sejam: *participação na comunidade local, proatividade no contexto social, sentimentos de confiança e segurança, vínculos de vizinhança, vínculos de família e amizade, tolerância à diversidade, valor da vida e vínculos com o trabalho*. Além disso, foi considerado o construto *valor global*, que representa uma síntese do capital social, onde o entrevistado faz um balanço dos benefícios e custos associados.

Com as respostas em mãos, foram realizadas: *Análise Descritiva, Análise Fatorial*, para reduzir e sumarizar os dados, *Análise de Regressão Linear*, para identificar o peso relativo de cada dimensão na determinação da percepção geral dos pesquisados e *Análise de Variância*, para verificar a existência de diferenças entre as respostas segundo grupos de respondentes. Para tanto, foi utilizado o *software SPSS (Statistical Package of Social Science)*, versão 13.0.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na seqüência faremos: a análise descritiva dos resultados, a análise fatorial, a análise de variância e a regressão linear.

5.1 Análise Descritiva

As respostas dos 206 entrevistados submetidos à análise descritiva produziram médias que variaram entre 1,3 e 3,69, com desvio-padrão de 0,58 a 1,27. Algumas características da amostra selecionada para a pesquisa:

- 64,3% são moradores de Farroupilha, sendo os demais oriundos de outras localidades;
- 54,9% da amostra é formada de pessoas do sexo feminino;
- 96,6% dos respondentes trabalham;
- 61,8% moram há mais de 10 anos no mesmo local;
- 69,8% não têm filhos;
- 70,6% têm idade inferior a 30 anos;
- 9,8% participam de algum tipo de atividade política;

- os respondentes pertencem a 32 bairros diferentes.

O alfa de Cronbach medido para o instrumento com as 35 questões de pesquisa resultou em 0,832, o que demonstra uma boa consistência interna das variáveis analisadas. Além disso, obteve-se poucos casos de respostas em branco (*missing values*).

Os resultados chamam a atenção, em especial, para dois aspectos. O primeiro deles mostra que as variáveis com menor desempenho (média) são aquelas ligadas à proatividade nos assuntos da comunidade, entre as quais encontram-se a *participação em associações de bairro* e a *participação em projetos e ações na comunidade*. Sendo assim, esta dimensão do capital social está pouco presente na comunidade analisada.

O segundo aspecto mostra, no outro extremo, que as variáveis associadas ao ambiente de trabalho apresentaram os maiores índices na avaliação do capital social. A explicação para este fato também passa pela questão da baixa proatividade e envolvimento na comunidade: uma possível resposta pode estar no significado do trabalho. Predomina na região uma espécie de “culto ao trabalho”, que pode ser compreendida como uma exaltação àquilo que se faz; provável herança cultural dos imigrantes de que com trabalho, tudo se consegue. “A obstinação, aliada a essa característica empreendedora, tornou-se a marca inconfundível do imigrante que a legou a seus descendentes” (TESSER, 2003, p. 92).

Aliado a isso, o desejo humano fundamental de reconhecimento impulsionou as relações de trabalho. Embora as pessoas trabalhem em organizações para prover suas necessidades individuais, o local de trabalho as coloca em um mundo social mais amplo. Essa conexão não é apenas uma forma de receber um pagamento, mas constitui uma importante finalidade da vida humana em si. “A satisfação que derivamos do fato de nos sabermos ligados a outros no local de trabalho decorre de um desejo humano fundamental de reconhecimento. (...) Na realidade, este anseio é tão profundo e fundamental que é um dos principais motores de todo o processo histórico humano (FUKUYAMA, 1996, p. 20-21).

Sendo assim, a obstinação pelo trabalho aliada à busca pelo reconhecimento acabou gerando redes de relacionamento, algumas vezes, baseadas na colaboração, já que os imigrantes precisavam construir – além de casas e igrejas – normas e sistemas de participação. No entanto, devido às características culturais, nem sempre este sentimento de dedicação e colaboração no ambiente de trabalho consegue se difundir na comunidade, com os vizinhos.

Estas diferenças sugerem que a comunidade em estudo possui um alto nível de **capital social de conexão** (*bonding social capital*), caracterizado por fortes relações de ajuda mútua

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

no contexto da família ou círculos mais próximos. Encontra-se, principalmente, no relacionamento das pessoas com suas próprias famílias e com outros indivíduos ou grupos com interesses comuns ou moradores da mesma comunidade. Este tipo de capital social “caracteriza-se por ocorrer entre pessoas de alguma forma ‘semelhantes’. Apesar de não necessariamente desconsiderar os ‘diferentes’, o capital social de conexão pode excluí-los dos ‘clubes’ ou ‘círculos de confiança’ Este tipo de suporte mútuo é muito encontrado na região em estudo, o que pode ser comprovado no presente estudo.

Um outro tipo de capital social aparece em comunidades caracterizadas por uma grande tolerância e um elevado grau de iniciativa pessoal no espaço local, criando os chamados laços fracos e contribuindo para a formação de um **capital social de ponte** (*bridging social capital*). As evidências deste tipo de capital social, que se desenvolve entre pessoas de grupos diferentes, estão menos presentes no caso em estudo.

Convém destacar que Putnam (2002) chama atenção que os vínculos interpessoais ‘fortes’ (como parentesco e íntima amizade) são menos importantes do que os vínculos ‘fracos’ (como conhecimentos e afiliação a associações secundárias) para sustentar a coesão comunitária e a ação coletiva, uma vez que os vínculos fracos têm mais probabilidade de unir membros de pequenos grupos *diferentes* do que os vínculos fortes, que costumam concentrar-se em determinados grupos. Sistemas horizontais extensos, porém isolados, sustentam a cooperação *dentro* de cada grupo, mas os sistemas de participação cívica, que englobam diferentes categorias sociais, promovem uma cooperação mais ampla (PUTNAM, 2002).

O fato de existir estes dois tipos de capital social não implica que a presença de um exclua o surgimento do outro. Na verdade, uma comunidade verdadeiramente cívica necessita de ambos (COLEMAN, 1990).

5.2 Análise Fatorial

As respostas da amostra foram submetidas à análise fatorial do tipo PCA (*Principal Component Analysis*), com rotação *varimax* e tratamento *pairwise* (consideradas todas as observações válidas de cada variável) para os dados omissos. O índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de adequação da amostra foi de 0,724 e o teste de esfericidade de Bartlett - Bartlett's Test of Sphericity – (significativo 0,001) indicaram a fatorabilidade dos dados.

Nesta primeira análise, chegou-se a 11 fatores, explicando 61,87% da variabilidade dos dados. No entanto, três fatores apresentaram somente uma variável cada um. Um dos fatores continha somente a variável 9 – “*Você precisa sair da sua comunidade ou bairro para*

visitar seus familiares”. Esta variável obteve uma média de 3,31, o que, a princípio, indicaria um alto nível de capital social. Contudo, como 36,6% dos entrevistados não são naturais da cidade de Farroupilha, esta variável fica seriamente afetada por este fator alheio ao capital social. Além disso, o peso da variável no fator foi de 0,696 ($< 0,70$), o que indica que a variável tem um baixo grau de explicação.

Outro fator constituído de uma única variável foi gerado pela variável 10 – “*Se você necessita de informações para tomar uma decisão importante para a sua vida, você sabe onde encontra-las*”. Esta variável obteve uma média de 3,17, o que também indicaria um bom nível de capital social. Aqui cabe considerar a característica peculiar dos componentes da amostra no que diz respeito ao nível de instrução e acesso a informações, pois todos são universitários. Justifica-se assim a alta carga do fator.

Finalmente, um terceiro fator continha somente a variável 12 – “*Se você desentende-se com um vizinho (por qualquer), você se esforça para mediar (resolver de forma pacífica e processual) a situação?*”. Como o peso desta variável foi de 0,641 ($< 0,70$) esta pode ser descartada, pois seu grau de explicação não é significativo.

Dessa forma, uma nova análise fatorial foi rodada, descartando as variáveis acima (9, 10 e 12). Esta nova análise resultou em 9 fatores. Novamente, surgiu um fator com uma única variável: a variável 21 – “*Se você está tomando conta de uma criança (filho sobrinho ou outros) e precisa sair por uns instantes, você solicita ajuda de algum vizinho?*”. No entanto o peso desta variável ficou dividido entre o fator 9 (com 0,462) e o fator 3 (com 0,436). Neste caso, optou-se por deixar a variável e deslocá-la para o fator 3, eliminando, assim, o fator 9 (ver tabela 2). Além desta modificação, retirou-se da análise a variável 19 - “*Existe um sentimento de “lar” na sua comunidade ou bairro?*”, para que esta sirva de variável dependente na análise de regressão a ser realizada mais adiante.

Importante salientar que estas alterações no instrumento original proporcionaram uma melhora do KMO, passando de 0,732 para 0,746.

Com o intuito de verificar a consistência das variáveis em cada fator, foram calculados os valores para o Alfa de Cronbach. O valor do Alfa considerado ideal para pesquisas exploratórias em ciências sociais deverá ser superior a 0,6 (MALHOTRA, 2001). Os resultados são apresentados na tabela 2.

Como podemos verificar, não foram encontrados os mesmos fatores referidos na pesquisa original realizada por Onyx e Bullen (2000), na Austrália. No presente estudo, houve

**AValiação DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO**

uma mescla entre as variáveis que compunham inicialmente os construtos de vínculos de família e amizade, vínculos de vizinhança e tolerância à diversidade.

Contudo, é preciso destacar que esta pesquisa não está interessada em confirmar a pesquisa de Onyx e Bullen (2000), mas, sim usá-la como ponto de partida para exploração do tema capital social na comunidade investigada.

Mesmo sem a pretensão de validar o instrumento de coleta, podemos verificar que os resultados encontrados ficam bastante próximos da pesquisa realizada pelos referidos autores. O primeiro fator encontrado, **“Participação na Comunidade Local”**, é formado pelas mesmas sete variáveis encontradas nas comunidades australianas. Da mesma forma, este fator confirmou ter o mais alto poder de explicação entre todos. Importante reforçar que, sendo o fator mais importante na avaliação do capital social, ele apresentou as menores médias, ou seja, a presença dos elementos que promovem a participação social são fracamente encontrados no caso de Farroupilha, como já detalhamos anteriormente.

Tabela 2 – Fatores, cargas fatoriais e alfa de Cronbach.

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Carga	Média
Fonte: presente estudo.				
1 - Participação na Comunidade Local	0,832	X4 - Administra assoc bairro?	0,774	1,30
		X6 - Partic projetos ult 3 anos?	0,759	1,61
		X3 - Membro ativo assoc bairro?	0,745	1,54
		X1 - Partic atual comunidade?	0,695	1,62
		X7 - Já partic projeto anteriormente?	0,610	1,64
		X5 - Envolv em ações bairro?	0,589	1,73
		X2 - Partic ult 6 meses evento comunid?	0,584	1,82
2 - Vínculos com o Trabalho	0,662	X33 - Os colegas trabalho são tb amigos?	0,813	3,19
		X34 - Se sente parte equipe de trabalho?	0,781	3,40
		X35 - Troca e-mails com amigos?	0,618	3,23
		X31 - Se morresse amanhã?	0,473	3,04
3 - Vínculos de Vizinhança	0,639	X24 - Ajudou vizinho doente ult 6 meses?	0,772	2,21
		X22 - Visitou vizinhos semana passada?	0,710	2,30
		X21 - Cuidar criança / ajuda vizinhos?	0,462	2,36
4 - Visão Compartilhada	0,600	X25 - Telefona freq para amigos?	0,696	2,64
		X29 - Estilos vida diferentes é bom?	0,647	3,20
		X27 - Refeição fim de semana com amigos?	0,566	3,13
		X28 - Multicultural é bom?	0,484	3,15
5 - Identificação Social	0,639	X32 - Se sente parte da comunidade?	0,670	2,51
		X30 - Se sente valorizado na comunidade?	0,628	2,59
		X23 - Se sente entre amigos na comunidade?	0,578	2,80
6 - Proatividade no Contexto Social	0,517	X13 - Toma iniciativa no trabalho?	0,716	3,69
		X14 - Ajuda colegas no trabalho?	0,673	3,60
		X26 - Conversa muitas pessoas diariamente?	0,593	3,50
7 - Sentimentos de Confiança e Segurança	0,546	X15 - Sente-se seguro no bairro?	0,820	2,07
		X16 - Confia na maioria?	0,652	1,82
		X18 - Bairro tem fama de seguro?	0,541	2,75
		X17 - Emprsta telefone em emergencia?	0,429	2,67
		X11 - Se discorda, fala?	0,625	2,99
8 - Normas de Reciprocidade Social	0,418	X8 - Recolhe lixo dos outros?	0,603	2,28
		X20 - Recebe ajuda dos amigos?	0,550	3,12

No segundo fator, “**Vínculos com o Trabalho**”, encontramos uma variável que, teoricamente, não estaria vinculada a este fator, por expressar em sentimento de valor à vida: “Se você morresse amanhã, ficaria satisfeito com o significado que sua vida teve?”. Recorrendo à argumentação anterior sobre o que chamamos de “culto ao trabalho”, parece possível supor que as respostas dos entrevistados a esta questão foram marcadas pela idéia de realização profissional, mais do que pessoal. Mas esta é apenas uma suposição inicial que deverá ser investigada em pesquisas futuras.

O terceiro fator, “**Vínculos de Vizinhança**”, mostra claramente três variáveis que explicam as relações entre vizinhos e que podem ajudar no fortalecimento do chamado capital social de conexão, que, como vimos, é caracterizado por fortes relações de ajuda mútua no contexto da família ou círculos mais próximos (no caso, entre vizinhos).

No quarto fator, “**Visão Compartilhada**”, além da questão dos diferentes estilos de vida e do multiculturalismo, fazem parte deste *constructo*, outros dois elementos: telefonar frequentemente para os amigos e procurar os amigos para as refeições nos finais de semana. Estas variáveis denotam a dimensão cognitiva do capital social, que aparece sob a forma de narrativas e linguagem compartilhadas, uma vez que, compartilhar uma linguagem facilita a habilidade de acessar outras pessoas e influencia as categorias de percepção, fornecendo uma ferramenta de interpretação no ambiente. Esta ferramenta de interpretação pode ser acessada para aproximar (ou distanciar, o que não é o caso) pessoas de diferentes estilos de vida ou culturas.

O quinto fator encontrado, “**Identificação Social**”, mostra claramente o sentimento de pertença. Trata-se de um processo onde indivíduos vêem-se como um grupo; este sentimento pode ser resultado do pertencimento a um grupo ou mesmo pode surgir de um grupo de referência, do qual as pessoas adotam valores ou padrões de comportamento.

O sexto fator, “**Proatividade no Contexto Social**”, evidencia aspectos estruturais das redes de contato, as quais são fontes de capital social. A proatividade gera situações que permitem que os atores avaliem oportunidades e construam um fluxo de informações, que pode inclusive incluir elementos como reputação, confiança e lealdade, necessários na escolha dos contatos.

O sétimo fator, “**Sentimentos de Confiança e Segurança**”, diz respeito a dimensão relacional do capital social. A confiança – o principal elemento desta dimensão – é tida como um dos melhores indicadores de capital social e pode ser entendida como a crença de que a ação de determinada pessoa é adequada no nosso ponto de vista. Quando os relacionamentos

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

são baseados em confiança, as pessoas têm mais chance de se engajarem na comunidade, especialmente de forma cooperativa.

E finalmente, o último fator encontrado, “**Normas de Reciprocidade Social**”, está vinculado às obrigações e expectativas, as quais representam um comprometimento ou um dever para empreender uma atividade no futuro. Trata-se de uma espécie de crédito que uma pessoa tem para com a outra, algo que poderá ser resgatado. Em geral, considera-se que as normas de reciprocidade – juntamente com o sistema de participação cívica - são a chave para a geração e manutenção de altos níveis de capital social. A superação dos dilemas da ação coletiva e do oportunismo depende do contexto social. Assim, a cooperação voluntária é mais fácil numa comunidade que tenha herdado um bom estoque de capital social sob a forma de regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica.

5.3 Análise de Variância (ANOVA)

Utilizou-se também a análise de variância (ANOVA) para identificação de diferenças estatísticas entre as médias de dois ou mais grupos. Busca-se assim explorar possibilidades explicativas do comportamento dos respondentes a respeito do nível de capital social. Foram realizados testes de ANOVA com o teste de acompanhamento Scheffe para identificar a localização das diferenças significativas. Segundo Hair (2005, p.300), todos os testes de acompanhamento envolvem avaliação simultânea de estimativas intervalares de segurança das diferenças entre diversas médias.

Tabela 3 – Relação significativa entre fatores e variáveis (mostradas somente as relações significativas).

ANOVA - RELAÇÃO SIGNIFICATIVA ENTRE FATORES E VARIÁVEIS			
Fator	Variável	Sig.	Efeito
1 - Participação na Comunidade Local	Idade	0,031	Quanto maior a idade maior a participação na comunidade
	Renda	0,024	Quanto maior a renda maior a participação na comunidade
	Filhos	0,001	Quanto maior o número de filhos, maior a participação na comunidade
	Política	0,052	Quem participa na política, tem maior participação na comunidade
3 - Vínculos de Vizinhança	Tempo de Bairro	0,048	Quanto maior o tempo de bairro, maior o vínculo entre vizinhos
4 - Visão Compartilhada	Tempo de Bairro	0,003	Quanto maior o tempo de bairro, maior a tolerância a diversidade
5 - Identificação Social	Tempo de Bairro	0,019	Quanto maior o tempo de bairro, maior o valor à vida
6 - Proatividade no Contexto Social	Naturalidade	0,045	Pessoas de outras localidades são mais proativas
7 - Sentimento de Confiança e Segurança	Sexo	0,054	Pessoas do sexo masculino tem maior sentimento de confiança e segurança

A tabela 3 apresenta de que maneira variam as médias dos fatores (variáveis dependentes nesta análise) de acordo com grupos específicos de respondentes e o grau de significância de cada ANOVA.

Como resultado da análise de variância percebe-se que a média do fator 1 – *Participação na Comunidade Local* – aumenta significativamente em grupos de respondentes com maior idade, maior da renda, maior quantidade de filhos e também para os que participam de atividades políticas. Conclui-se que uma maior participação na comunidade local está vinculada a um maior amadurecimento e nível de responsabilidade dos respondentes. Corroboram com esta conclusão, o fato de que os respondentes apresentam uma maior média e menor desvio padrão para a *proatividade no contexto social* (fator 6) na faixa de idade entre 31 e 40 anos.

Outras análises de variância demonstram que quanto maior for o tempo de bairro, maior serão as médias dos fatores 3 (*vínculos de vizinhança*), 4 (*visão compartilhada*) e 5 (*identificação social*).

Observou-se também que o grupo de respondentes naturais de outras localidades (fora de Farroupilha) apresentam maior média no fator 6 (*proatividade no contexto social*).

Por sua vez, respondentes do sexo masculino apresentam maior média no fator 7 (*sentimento de confiança e segurança*) se comparados ao grupo feminino.

Continuando com a análise descritiva dos dados tabulados para a pesquisa, realizamos a tabulação cruzada de duas variáveis (11 e 20) e encontramos o seguinte resultado estatisticamente significativo: as pessoas que mais recebem ajuda dos amigos, são justamente aquelas que mais expressam sua opinião caso discordem da maioria, ou seja, aquelas que sentem-se mais a vontade e livres para expressar sua própria opinião. Este resultado, a princípio, contrário ao senso comum, confirma uma contrapartida positiva para o aumento do capital social (retorno em forma de ajuda dos amigos) em relação à expressão efetiva de opinião e da não-omissão (ver tabela 4).

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

Tabela 4 – Tabulação cruzada

11 - Se discorda, fala? * 20 - Recebe ajuda dos amigos? Tabulação Cruzada

Count		20 - Recebe ajuda dos amigos?				Total
		não, nunca	Raramente	Frequentemente	Sim, sempre	
11 - Se discorda, fala?	não, nunca	2	1	1	2	6
	Raramente	3	13	20	14	50
	Frequentemente	2	13	41	20	76
	Sim, sempre	2	2	24	35	63
Total		9	29	86	71	195

Fonte: presente estudo.

5.4 Análise da Regressão Linear

A partir dos 8 (oito) fatores representativos no nível de capital social da amostra investigada, foi utilizada a técnica de regressão linear para analisar de que forma cada agrupamento de variáveis está relacionado com a questão *Sentimento de lar na comunidade*, representado pela variável 19 (dezenove) do instrumento de pesquisa. A variável 19, *Sentimento de lar na comunidade*, apresentou média de 2,67 e desvio padrão de 0,921 nos dados tabulados. Esta variável mostrou-se a mais indicativa da compreensão do conceito de capital social pelos respondentes.

Para efeito de análise de regressão linear, foram consideradas variáveis significativas quando $p < 0,05$ (assumindo a probabilidade de 5% de erro). O Beta é o peso relativo de cada variável e determina a ordem de importância das mesmas no fator (MALHOTRA, 2001). O valor *R Square* (R^2) indica o grau de explicação do conjunto de variáveis em relação à percepção geral quanto ao *Sentimento de lar na comunidade*.

Tabela 5 – Regressão linear

Resumo do Modelo				
Modelo	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,422 ^a	,178	,174	,837
2	,517 ^b	,267	,259	,793

a. Indicadores: (Constante), Fator 7

b. Indicadores: (Constante), Fator 7, Fator 5

Fonte: presente estudo.

A análise de regressão resultou em 2 fatores principais, com R^2 de 0,267. Isto indica que os dois fatores encontrados explicam 26,7% da variação na variável dependente *Sentimento de lar na comunidade* (eliminando as influências de tamanho da amostra e dispersão dos dados, o R^2 ajustado fica um pouco menor – 25,9%). Para a realização da regressão linear utilizou-se o método *stepwise*, que considera como critério de entrada das variáveis no modelo o nível de significância das mesmas.

Tabela 6 – Fatores significativos com relação ao “sentimento de lar”

Fatores	Coefficientes Padronizados (Beta)	Sig.
5 - Identificação Social	0,328	0,000
7 - Sentimentos de Confiança e Segurança	0,313	0,000

Fonte: presente estudo.

Usando-se o coeficiente beta para *Sentimento de lar na comunidade* (variável dependente 19), podemos concluir que toda a vez que o fator 5 (Valor da Vida) aumenta em uma unidade, a variável dependente 19 aumenta 0,328 unidades. Já a variação de uma unidade no Fator 7 acarreta uma variação de 0,313 unidades na variável dependente (*sentimento de lar na comunidade*). Assim, podemos concluir que a variação dos fatores 5 e 7 contribuem de forma significativa no construto *Sentimento de lar na comunidade*. É importante salientar que esses dois fatores explicam apenas 26,7% da variância o que indica que as pesquisas futuras têm espaço para explorar as demais variáveis explicativas do modelo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos analisar, as variáveis que apresentaram menores níveis de capital social foram aquelas relacionadas à participação na comunidade (menores médias). Já as variáveis que obtiveram melhor desempenho foram aquelas relacionadas ao ambiente de trabalho. Fato importante e característico da amostra é que 96,6% dos respondentes trabalham. Isso pode ser explicado quando analisadas alguns aspectos culturais da região da Serra Gaúcha, como o culto ao trabalho, que acarreta uma sobrecarga no tempo dedicado à empresa em detrimento a parcela de tempo que sobra para preocupações com vizinhos e comunidade local.

Também podemos verificar uma forte presença do capital social de conexão que privilegia os chamados laços fortes, como a família – herança cultural dos imigrantes italianos e católicos. Já os laços fracos – que se estabelecem entre grupos diferentes entre si, como, por

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

exemplo, raça e religião – são mais enfraquecidos, mostrando que trata-se de uma cultura fechada, com traços de cooperação intra-grupos.

Nas comunidades ou grupos “fechados” – como a que este estudo analisa - pode ser mais fácil desenvolver capital social, especialmente as dimensões relacional e cognitiva. As chamadas comunidades fortes, comunidades ou grupos que excluem elementos de fora, têm identidades e um senso de fronteira que separam e distinguem membros de não-membros. Há que se observar, no entanto, que para o desenvolvimento de uma comunidade verdadeiramente cívica é preciso encontrar um equilíbrio entre este senso de identidade, captado pelo nível de capital social de conexão, e a tolerância à diversidade cultural, a qual influencia a presença de laços fracos e do capital social de ponte.

Em suma, pode-se dizer que os fatores explicativos de capital social encontrados neste estudo corroboram a teoria de Onyx e Bullen (2000), diferindo ligeiramente na composição de alguns fatores. A essência, no entanto, mostra-se inalterada; o que muda são alguns relacionamentos entre variáveis, os quais produzem diferentes nuances dentro dos fatores encontrados.

Em relação à variável utilizada como forma geral de mensuração de capital social – sentimento de lar na comunidade – pode-se observar que a mesma apontou a Identificação social e os Sentimentos de Confiança e Segurança, como sendo os elementos que melhor explicam o capital social para esta comunidade. De forma geral, podemos levantar os seguintes aspectos: o fato de uma proporção significativa dos entrevistados virem de outras cidades (o que faz com que, necessariamente, tenham de ter mais proatividade) e o longo tempo morando no mesmo bairro, o que fortalece a confiança e os laços construídos.

Finalmente, este estudo não pretende esgotar a discussão dos resultados encontrados, mas sim, utilizar o mesmo como referencial inicial para a continuidade das pesquisas sobre capital social na cidade e região em estudo. A riqueza de informações e os *insights* gerados permitirão o levantamento de novas questões de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. O conceito de sociedade civil: em busca de uma repolitização. In: Colóquio Internacional sobre Poder Local, 9, 2003, Salvador. **Anais...** Salvador, 2003, 1 CD.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003a. 322p.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 4 ed. Campinas: Papirus, 2003b. 224p.

CAROLIS, Donna Marie De; SAPARITO, Patrick. Social Capital, Cognition, and Entrepreneurial Opportunities: A Theoretical Framework. **Entrepreneurship theory and practice**. p. 41-56, january 2006.

COLEMAN, J. S. **Foundations of Social Theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990. 993p.

CORREA, M. S (org.). **Capital Social e Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003a. 336p.

FUKUYAMA, F. **A Grande Ruptura**: a natureza humana e a reconstituição da ordem social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 344p.

3

FUKUYAMA, F. **Confiança**: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 455p.

HAIR, J. F. et al. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HIRSCHMAN, Albert O. Against Parsimony: three easy ways of complicating some categories of economic discourse. **American Economic Review**, 74:93, 1984.

IBGE. <Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 04 ago. 2006.

LI, Li; BARNER-RASMUSSEN, Wilhelm; BJÖRKMAN, Ingmar. What Difference Does the Location Make?: A Social Capital Perspective on Transfer of Knowledge from Multinational

REAd – Edição 67, Vol. 16, Nº 3 - setembro/dezembro 2010

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

Corporation Subsidiaries Located in China and Finland. **Asia Pacific Business Review**. v. 13, n. 2, p. 233–249, april 2007.

LOURY, G. Why would we care about group inequality? **Social Philosophy & Policy**, 1987, 5: 249-271.

MACKE, J. ; SARATE, J. A. R. ; VALLEJOS, R. V. . Collective competence and social capital: a proposal of a model for collaborative network analysis. In: CALLAOS, N; CHU, H; YINGLING, Y; ZINN, C. D.. (Org.). **The 2nd International Multi-conference on Engineering and Technological Innovation. Winter Garden: IIS** (International Institute of Informatics and Syemics), 2009, v. 1, p. 306-311.

MACKE, J. ; VALLEJOS, R. V. ; SARATE, J. A. R. . Collaborative Network Governance: understanding social capital dimensions. In: McQUAY, William; SMARI, Waleed W.. (Org.). **International Symposium on Collaborative Technologies and Systems**. Piscataway: IEEE Service Center, 2009, v. , p. 163-171.

MACKE, J. **Programas de Responsabilidade Social Corporativa e Capital Social: contribuição para o desenvolvimento local?** 2006. 307 f. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MILANI, C. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. Site da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em www.adm.ufba.br/capitalsocial. Acesso em 08 de junho de 2004.

NAHAPIET, J. e GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, 23(2):242-266, 1998.

NEUMANN, L. T. V.; NEUMANN, R. A. **Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais**. São Paulo: Global; IDIS (Instituto para Desenvolvimento de Investimento Social), 2004. 127p. [Coleção Investimento Social].

REAd – Edição 67, Vol. 16, Nº 3 - setembro/dezembro 2010

ONYX, J. e BULLEN, P. Measuring Social Capital in Five Communities. **The Journal of Applied Behavioral Science**, 36 (1), 23-42, march, 2000.

PESTANA, M. H. e GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para ciências sociais**. 2 ed. Lisboa: Sílabo, 2000. 570p.

PUTNAM, R. D. **Bowling Alone: the Collapse and Revival of American Community**. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2000.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 260p.

SABATINI, Fabio. Social Capital and the Quality of Economic Development. **Kyklos**. v. 61, n. 3, p. 466–499, 2008.

SCHULLER, Tom. Reflections on the Use of Social Capital: Organization for Economic Cooperation and Development (OECD), France. **Review of Social Economy**. v. LXV, n. 1, march 2007.

SIQUEIRA, Ana Cristina O. Entrepreneurship and ethnicity: the role of human capital and family social capital. **Journal of Developmental Entrepreneurship**. v. 12, n. 1, p. 31–46, 2007.

SKIDMORE, D. Sociedade Civil, Capital Social e Desenvolvimento Econômico. In: ABREU, A. A (org.). **Transição em Fragmentos: desafios da democracia no final do século XX**. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 129-152.

AVALIAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA CIDADE GAÚCHA: A
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

SMITH, K. G.; CARROLL, S. J.; ASHFORD, S. J. Intra- and interorganizational cooperation: toward a research agenda. **Academy of Management Journal**. v. 38, n. 1, p. 7–23, 1995.

STAM, Wouter; ELFRING, Tom. Entrepreneurial orientation and new venture performance: the moderating role of intra and extraindustry social capital. **Academy of Management Journal**. v. 51, n. 1, p. 97–111, 2008.

STAM, Wouter; ELFRING, Tom. Entrepreneurial orientation and new venture performance: the moderating role of intra and extraindustry social capital. **Academy of Management Journal**. v. 51, n. 1, p. 97–111, 2008.

SWINNEY, Jane. Sponsorship, community, and social capital resources in indigenous communities. **Journal of Developmental Entrepreneurship**. v. 13, n. 3, p. 363–379, 2008.

TAKHAR, Shamindar. South Asian women, social capital and multicultural (mis) understandings. **Community, Work and Family**. v. 9, n. 3, p. 291-307, august 2006.

TESSER, N. A. Caxias do Sul: pérola do desenvolvimento. In: ZUGNO, P. L.; HERÉDIA, V. B. M. (coord.). **Seminário Internacional Vêneto: modelos de desenvolvimento comparados**. Caxias do Sul, Educs, 2003. p. 87-95.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 429p.

TSAI, W.; GHOSHAL, S. Social capital and value creation: The role of intrafirm networks. **Academy of Management Journal**. v. 41, p. 464–478, 1998.

VALLEJOS, R. V. ; MACKE, J. ; OLEA, P. M. ; TOSS, E. . Collaborative Networks and Social Capital: A Theoretical and Practical Convergence. **IFIP International Federation for Information Processing Springer Boston**, v. 283, p. 43-52, 2008. Available at: <http://www.springerlink.com/content/j1686g546415/>

WEBB, Carol. Measuring social capital and knowledge networks. **Journal of knowledge management**. Vol. 12, nº 5, 2008, p. 65-78.

WORLD BANK. **Social Capital for Development**. <Disponível em: <http://www1.worldbank.org/prem/poverty/scapital/index.htm> >. Acesso em: 27 abril. 2004.

XIAO, Zhixing; TSUI, Anne S. When Brokers May Not Work: The Cultural Contingency of Social Capital in Chinese High-tech Firms. **Administrative Science Quarterly**. v. 52, p. 1-31, 2007.

YUAN, Y.Connie; GAY, Geri; HEMBROOKE, Helene. Focused Activities and the Development of Social Capital in a Distributed Learning “Community”. **The Information Society**. v. 22, p. 25-39, 2006.